

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Coral e outros poemas

Seleção e apresentação

Eucanaã Ferraz



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © by Herdeiros de Sophia de Mello Breyner Andresen

*Esta edição segue o estabelecimento de texto de Obra poética lançado
pela Assírio & Alvim em Portugal, em 2015.*

Capa

Victor Burton

Foto de capa

Fernando Lemos

Revisão

Isabel Cury

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andresen, Sophia de Mello Breyner

Coral e outros poemas / Sophia de Mello Breyner Andresen ;
seleção e apresentação Eucanaã Ferraz — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-3079-5

1. Poesia 2. Poesia portuguesa 1. Ferraz, Eucanaã. II. Título.

18-12598

CDD-869.17

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura portuguesa 869.17

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Apresentação — <i>Breve percurso rente ao mar,</i> Eucanaã Ferraz	17
--	----

DE POESIA, 1944

I.	
<i>Apesar das ruínas e da morte</i>	45
Mar	46
O jardim e a noite	47
Evohé Bakkhos	49
Apolo Musageta	50
Cidade	51
II.	
Jardim	52
Fundo do mar	53
Níobe transformada em fonte	54
III.	
As fontes	55
<i>Há cidades acesas na distância</i>	56
Homens à beira-mar	57

DE DIA DO MAR, 1947

I.	
<i>As ondas quebravam uma a uma</i>	61
Mar sonoro	62
É esta a hora	63
As rosas	64
Dia de hoje	65

II.	Dionysos	66
	O anjo	67
III.	Navio naufragado	68
	O primeiro homem	69
IV.	Um dia	70
V.	Quando	71
	Jardim perdido	72
VI.	Reza da manhã de Maio	73
	Eurydice	74

DE CORAL, 1950

PRIMEIRA PARTE

I.	<i>Chamei por mim quando cantava o mar</i>	77
II.	<i>Sacode as nuvens que te poisam nos cabelos</i>	78
	<i>Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo</i>	79
III.	Soneto à maneira de Camões	80

SEGUNDA PARTE

I.	Coral	81
	Assassinato de Simonetta Vespucci	82
II.	Intervalo II	84
	Praia	85

Barcos	86
Pirata	87
III.	
Espera-me	88
<i>A raiz da paisagem foi cortada</i>	89
<i>Ó Poesia — quanto te pedi!</i>	90
<i>Cada dia é mais evidente que partimos</i>	91
Penélope	92
Mãos	93
Árvores	94
<i>E só então saí das minhas trevas</i>	95
IV.	
<i>Que poema, de entre todos os poemas</i>	96
<i>Poema de geometria e de silêncio</i>	97

DE NO TEMPO DIVIDIDO, 1954

POEMAS DE UM LIVRO DESTRUÍDO

I <i>A memória longínqua de uma pátria</i>	101
II Eurydice	102
VII <i>Não procures verdade no que sabes</i>	103
VIII <i>Não te chamo para te conhecer</i>	104
IX <i>Como é estranha a minha liberdade</i>	105

NO TEMPO DIVIDIDO

<i>No mar passa de onda em onda repetido</i>	106
<i>A liberdade que dos deuses eu esperava</i>	107
Dia	108
Intacta memória	109
Poema de amor de António e de Cleópatra	110
Soneto de Eurydice	111
No tempo dividido	112
Santa Clara de Assis	113
Prece	114

I.

<i>Perfeito é não quebrar</i>	117
<i>Senhor se da tua pura justiça</i>	118
Encruzilhada	119
Cante Jondo	120
Marinheiro sem mar	121
<i>A bela e pura palavra Poesia</i>	124
As três Parcas	125

II.

Liberdade	126
Meditação do duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal	127
A anémona dos dias	128
O soldado morto	129
Náufrago	130
<i>Aquele que partiu</i>	131
<i>Este é o tempo</i>	132

III.

Porque	133
Electra	134
Marinheiro real	135
Biografia	136
Corpo	137
Poema inspirado nos painéis que Júlio Resende desenhou para o monumento que devia ser construído em Sagres	138
Nocturno da Graça	140
Brisa	142
No poema	143

O CRISTO CIGANO, 1961

A palavra faca	147
I O escultor e a tarde	148
II O destino	149
III Busca	150
IV O encontro	153
V O amor	154
VI A solidão	155
VII Trevas	156
VIII Canção de matar	157
IX Morte do cigano	159
X Aparição	160
XI Final	162

DE LIVRO SEXTO, 1962

I. As coisas	
Algarve	165
Barcos	166
Reino	167
Musa	168
Manhã	171
As grutas	172
Ressurgiremos	175
II. A estrela	
A estrela	176
No poema	179
Inscrição	180
Para atravessar contigo o deserto do mundo	181
Fernando Pessoa	182
Carta aos amigos mortos	183
Dia	185
O hospital e a praia	186

III. As grades

Pranto pelo dia de hoje.....	188
Exílio	189
Data	190
As pessoas sensíveis.....	191
O super-homem.....	193
O velho abutre.....	194

DE GEOGRAFIA, 1967

I. Ingrina

Ingrina	197
Mundo nomeado ou descoberta das ilhas	198

II. Procelária

Procelária	199
Cidade dos outros	200
Eu me perdi.....	201
Esta gente	202
Túmulo de Lorca.....	204

III. A noite e a casa

Quadrado	206
A noite e a casa.....	207

IV. Dual

Assim o amor	208
A flauta	209
No deserto	210
O filho pródigo	211
Os espelhos	212

V. Mediterrâneo

Acaia	213
No Golfo de Corinto	214
Epidauro	215
Vila Adriana	217
Ítaca	218

VI. Brasil ou do outro lado do mar	
Descobrimento	219
Manuel Bandeira	220
Brasília	222
Poema de Helena Lanari	224
VII. No poema	
Da transparência	225
Poema	226

DE *DUAL*, 1972

I. A casa	
A casa	231
Eurydice	232
Em nome	233
II. Delphica	
II <i>Esse que humano foi como um deus grego</i>	234
VI (Antinoos de Delphos)	235
III. Homenagem a Ricardo Reis	
I <i>Não creias, Lídia, que nenhum estio</i>	236
IV. Dual	
Dual	237
Manhã de outono num palácio de Sintra	238
Inicial	239
Estrada	240
Fechei à chave	241
Musa	242
V. Arquipélago	
Em Hydra, evocando Fernando Pessoa	243
O Minotauro	246
O efebo	249
Os gregos	250

VI. Em memória

A paz sem vencedor e sem vencidos	251
Camões e a tença	252
Retrato de uma princesa desconhecida	253
Catarina Eufémia	254

DE O NOME DAS COISAS, 1977

I. 1972-3

Cíclades	257
Che Guevara	261
Soror Mariana — Beja	262
“Fernando Pessoa” ou “Poeta em Lisboa”	263
O palácio	264

II. 1974-5

Lagos I	266
25 de Abril	268
Revolução	269
Nesta hora	270
Com fúria e raiva	272
Projecto I	273
Liberdade	274
A casa térrea	275
Retrato de mulher	276
Esteira e cesto	277
O rei de Ítaca	278

III.

Museu	279
Projecto II	280
Carta de Natal a Murilo Mendes	281
Regressarei	283
A forma justa	284
Nestes últimos tempos	285
Estações do ano	287

DE NAVEGAÇÕES, 1983

Lisboa	291
As ilhas	
I <i>Navegámos para Oriente</i>	293
III <i>À luz do aparecer a madrugada</i>	294
V <i>Ali vimos a veemência do visível</i>	295
VI <i>Navegavam sem o mapa que faziam</i>	296
Deriva	
III <i>Nus se banharam em grandes praias lisas</i>	297
VI <i>Eu vos direi a grande praia branca</i>	298
VII <i>Outros dirão senhor as singraduras</i>	299
VIII <i>Vi as águas os cabos vi as ilhas</i>	300
XII <i>Cupidez roendo o verde emergir das ilhas a barlavento</i>	302
XVII <i>Estilo manuelino</i>	303

DE ILHAS, 1989

I. Poemas reencontrados	
Tríptico ou Maria Helena, Arpad e a pintura	307
A princesa da cidade extrema ou a morte dos ritos....	308
Não te esqueças nunca	311
II.	
Tempo de não	312
Veneza	313
III.	
Olímpia	314
Carta(s) a Jorge de Sena	316
IV.	
O dia	318
A escrita	319
O país sem mal	320
Os biombos Namban	321

Estátua de Buda.....	323
Dedicatória da segunda edição do <i>Cristo cigano</i> a João Cabral de Melo Neto	324
Cesário Verde	326
Fúrias	328

DE MUSA, 1994

1º andamento

Ondas	333
Tão grande dor	334

2º andamento

Orpheu e Eurydice	336
Eurydice em Roma	337

3º andamento

O poeta sábio	338
Cânon	339
Elegia	340
Tejo	341
À maneira de Horácio	342

DE O BÚZIO DE CÓS E OUTROS POEMAS, 1997

Goa	345
Arte poética	346
Métrica	347
O búzio de Cós	348
Foi no mar que aprendi	349
Deus escreve direito	350
Era o tempo	351
Homero	352
Hélade	353
Varandas	354
O infante	355

ARTES POÉTICAS

Arte poética I.....	359
Arte poética II.....	362
Arte poética III.....	364
Arte poética IV.....	367
Arte poética V.....	371

POEMAS DISPERSOS

Náufrago acordando.....	375
Brasil 77.....	376
<i>Quem me roubou o tempo que era um</i>	378

INÉDITOS

A cidade dos outros.....	381
<i>A minha vida está vivida</i>	382

Índice de títulos e primeiros versos.....	383
---	-----

DE *POESIA*

Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias.

Mar

I

De todos os cantos do mundo
Amo com um amor mais forte e mais profundo
Aquele praia extasiada e nua,
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.

II

Cheiro a terra as árvores e o vento
Que a Primavera enche de perfumes
Mas neles só quero e só procuro
A selvagem exalação das ondas
Subindo para os astros como um grito puro.

O jardim e a noite

Atravessei o jardim solitário e sem lua,
Correndo ao vento pelos caminhos fora,
Para tentar como outrora
Unir a minha alma à tua,
Ó grande noite solitária e sonhadora.

Entre os canteiros cercados de buxo
Sorri à sombra tremendo de medo.
De joelhos na terra abri o repuxo,
E os meus gestos foram gestos de bruxedo.
Foram os gestos dessa encantação,
Que devia acordar do seu inquieto sono
A terra negra dos canteiros
E os meus sonhos sepultados
Vivos e inteiros.

Mas sob o peso dos narcisos floridos
Calou-se a terra,
E sob o peso dos frutos ressequidos
Do presente
Calaram-se os meus sonhos perdidos.

Entre os canteiros cercados de buxo,
Enquanto subia e caía a água do repuxo,
Murmurei as palavras em que outrora
Para mim sempre existia
O gesto dum impulso.
Palavras que eu despi da sua literatura,
Para lhes dar a sua forma primitiva e pura,
De fórmulas de magia.

Docemente a sonhar entre a folhagem
A noite solitária e pura
Continuou distante e inatingível
Sem me deixar penetrar no seu segredo.
E eu senti quebrar-se, cair desfeita,
A minha ânsia carregada de impossível,
Contra a sua harmonia perfeita.

Tomei nas minhas mãos a sombra escura
E embalei o silêncio nos meus ombros.
Tudo em minha volta estava vivo
Mas nada pôde acordar dos seus escombros
O meu grande êxtase perdido.

Só o vento passou pesado e quente
E à sua volta todo o jardim cantou
E a água do tanque tremendo
Se maravilhou
Em círculos, longamente.

Evohé Bakkhos

Evohé deus que nos deste
A vida e o vinho
E nele os homens encontraram
O sabor do sol e da resina
E uma consciência múltipla e divina.

Apolo Musageta

Eras o primeiro dia inteiro e puro
Banhando os horizontes de louvor.

Eras o espírito a falar em cada linha
Eras a madrugada em flor
Entre a brisa marinha.
Eras uma vela bebendo o vento dos espaços
Eras o gesto luminoso de dois braços
Abertos sem limite.
Eras a pureza e a força do mar
Eras o conhecimento pelo amor.

Sonho e presença
De uma vida florindo
Possuída e suspensa.

Eras a medida suprema, o cânon eterno
Erguido puro, perfeito e harmonioso
No coração da vida e para além da vida
No coração dos ritmos secretos.

Cidade

Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas,
Ó vida suja, hostil, inutilmente gasta,
Saber que existe o mar e as praias nuas,
Montanhas sem nome e planícies mais vastas
Que o mais vasto desejo,
E eu estou em ti fechada e apenas vejo
Os muros e as paredes, e não vejo
Nem o crescer do mar, nem o mudar das luas.

Saber que tomas em ti a minha vida
E que arrastas pela sombra das paredes
A minha alma que fora prometida
Às ondas brancas e às florestas verdes.